

EDS.
ANTÓNIO MANUEL FERREIRA · CARLOS MORAIS
MARIA FERNANDA BRASETE · ROSA LÍDIA COIMBRA



pelos mares da
língua
portuguesa 5

VOL. 2 LÍNGUA E ENSINO





pelos mares da
língua
portuguesa 5

Língua e ensino

EDS.

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA

CARLOS MORAIS

MARIA FERNANDA BRASETE

ROSA LÍDIA COIMBRA



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Pelos Mares da Língua Portuguesa 5
Volume 2: Língua e ensino

EDITORES

António Manuel Ferreira
Carlos Morais
Maria Fernanda Brasete
Rosa Lídia Coimbra

EDITORA

UA Editora
Universidade de Aveiro
Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

CAPA

Grafismo sobre uma imagem criada por Álvaro de Sousa

EDIÇÃO

1ª edição – dezembro de 2023

DEPÓSITO LEGAL

526378/24

ISBN

978-972-789-894-7

DOI

<https://doi.org/10.48528/txwt-3d03>

Todos os capítulos deste volume foram submetidos a arbitragem duplamente anónima por pares académicos.



cllc
universidade de aveiro
centro de línguas, literaturas e culturas

[HTTPS://DOI.ORG/10.54499/UIDB/04188/2020](https://doi.org/10.54499/UIDB/04188/2020)

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

Esta publicação é financiada por fundos nacionais,
através da Fundação para a Ciência e Tecnologia,
I.P., no âmbito do Projeto UIDB/04188/2020

ÍNDICE

- 7 **Concordância variável no português de três continentes: estudo preliminar sobre a fala em Angola, Moçambique, Brasil e Portugal**
Júlia Maria Mendes Santos
Giulia Bossaglia
- 27 **A língua de raiz paulista: uma picada remanescente do século XX**
Maria Célia Lima-Hernandes
Victória Golfetti
- 53 **Diversidade linguística e inclusão nas aulas de língua portuguesa em Moçambique**
Paula Maimuna Bernardo Ângelo Bambo
- 63 **História e memória dos topônimos de ruas do centro histórico de Cuiabá-Mt**
Ivanete Maria de Jesus
Carolina Akie Ochiai Seixas Lima
- 83 **Gêneros textuais pelos mares da língua portuguesa na época dos Descobrimentos: o processo de evangelização e de alfabetização dos povos africanos**
Maria Antonietta Rossi
- 101 **As marcas linguísticas e discursivas do texto em discursos religiosos de língua portuguesa: análise de plano de texto e de representação semântica**
Maria Eliete de Queiroz
José Rubens Pereira
Carlos Eduardo Coutinho de Melo
- 119 **Construção lexical do *ethos discursivo* em intervenções políticas portuguesas e brasileiras**
Sara Pita
- 139 **As formas de tratamento no português de Portugal segundo a metodologia da etiquetagem SEFTRA**
Xavier Frias Conde
- 149 **A construção do discurso em ambientes digitais: contributos para o estudo dos rituais verbais de indelicadeza**
Marta Alexandra Cação Lopes Antão
Carla Aurélia de Almeida

- 171 **Expressões da língua portuguesa como estratégia de comunicação digital das marcas**
Dina Maria Silva Baptista
- 193 **Provérbios portugueses sobre linguagem: metáforas conceptuais e estereótipos acerca do bom comunicador**
Rosa Lúcia Coimbra
- 211 **<Quedar-se a + Infinitivo> no Português Europeu**
Henrique Barroso
- 225 **Sobre a reflexividade em português brasileiro**
Grace dos Anjos Freire Bandeira
- 249 **Português Língua Estrangeira (PLE) e Búlgaro Língua Materna (BLM), ou dos clíticos em movimento**
Ana Paula Loureiro
Vesela Chergova
Henrique Barroso
- 271 **Desvios de flexão verbal em produções escritas de aprendentes anglófonos de PLE**
Telma Elisabete de Oliveira Duarte
- 293 **Desenvolvimento da competência intercultural e literatura lusófona em aulas de PLE: relato de uma experiência em turmas de nível B**
Solange Imaginário Lima
- 311 **Cenários de produção artística: fios condutores para a produção de narrativas orais e escritas**
Mária Daniela Sousa
Isabel Roboredo Seara
- 327 **Uma Reflexão Teórico-prática sobre os Géneros Textuais nos *Curricula* Moçambicanos**
Paula Bambo
Acácio Augusto Tete
- 345 **A mediação do género textual na competência de leitura no contexto escolar em Moçambique: um estudo preliminar**
Narciso Montanha Narciso
- 363 **Abordagem dialógica de textos literários no Ensino Básico moçambicano**
Simião Alberto Muhate
- 379 **Educação em Português e promoção da cidadania global: uma revisão sistemática de estudos publicados**
Maria João Macário
Cristina Manuela Sá
Luciana Mesquita
- 397 **A Escola Nova e a educação de surdos no Brasil na década de 50**
Vanessa Gomes Teixeira Anachoreta

A construção do discurso em ambientes digitais: contributos para o estudo dos rituais verbais de indelicadeza

MARTA ALEXANDRA CAÇÃO LOPES ANTÃO

Universidade Aberta, Lisboa, Portugal.

ORCID: 0000-0002-2756-239

maclantao@yahoo.es

CARLA AURÉLIA DE ALMEIDA

Departamento de Humanidades, Universidade Aberta, Delegação do Porto, Portugal.

ORCID: 0000-0003-1682-5106

calmeida@uab.pt

Introdução

Tendo por base um *corpus* constituído por interações verbais que ocorrem em ambientes digitais, o presente trabalho desenvolve-se no âmbito da Socio-pragmática (Haugh, Kádár & Terkourafi, 2021), analisando o modo como a indelicadeza (Culpeper, 2013; Culpeper & Haugh, 2021, p. 315) e o discurso do ódio (Culpeper, 2021) são lexicalizados neste contexto específico da comunicação em ambientes digitais. Perspetivamos assim a linguagem como um *jogo interacional* (Goffman, 1967) e o discurso como uma negociação. Considerando que as *interações dialogais escritas* na rede social implicam um equilíbrio de forças, que está, muitas vezes, associado a uma dinâmica de tensão e de conflito, analisaremos os recursos linguísticos da indelicadeza verbal, no *género textual* do *comentário* que ocorre na rede social do *Facebook*. Assim, à luz deste enquadramento teórico-epistemológico, procuramos analisar de que modo as estratégias linguísticas que ocorrem neste contexto configuram uma imagem específica do enunciador e a do Outro como enunciatário (na linha de Ducrot, 1972).

Vários estudos têm assinalado que os ambientes digitais favorecem a sinceridade que advém do anonimato (Dyner, 2012) e da interface (computador).

Neste contexto, a delicadeza que rege o *contrato social* (Fraser, 2005) diminui, aumentando, por sua vez, a indelicadeza e também, em segmentos específicos, a agressividade verbal. Por outro lado, para além da regularidade discursiva de ocorrência de sequências indelicadas (Wodak, Culpeper & Semino, 2021), colocamos a hipótese de que as manifestações pouco violentas que ocorrem nestes contextos das redes sociais estimulam comportamentos discursivos mais violentos por parte de outros utilizadores. Neste sentido, acredita-se que é necessário estudar a indelicadeza no género discursivo do *comentário* pelo facto de ter um valor ideológico e de poder ser usada como estratégia discursiva para formar uma imagem de descrédito do Outro. Assim, estudar o desempenho da linguagem na rede social poderá contribuir para ilustrar os usos linguísticos que frequentemente ocorrem neste contexto e, por conseguinte, as dinâmicas e as relações sociais que aqui ocorrem.

1. Metodologia e objeto de estudo

Com base numa análise sociopragmática, pretende-se verificar como os interlocutores realizam atos do discurso com diversos valores ilocutórios, exercendo um papel nas redes sociais e influenciando o comportamento dos intervenientes. Deste modo, consideramos os textos produzidos pelos utilizadores, falantes do Português Europeu, da rede social *Facebook* com o fim de estudar de que modo a indelicadeza é *lexicalizada* em contexto virtual e analisaremos de que modo se realiza o trabalho de figuração ou de gestão da face, relacionando-o com a construção da identidade nas interações em apreço.

Para a presente análise, foi escolhido um perfil da rede social *Facebook* de uma figura pública, a deputada independente luso-guineense Joacine Katar Moreira. Tendo como objeto de estudo a tipologia textual do *comentário* de *postagens/intervenções* da rede social do *Facebook*, foi constituído um *corpus* de comentários realizados na sequência de postagens da deputada. Assim, foram analisados 207 comentários de duas postagens/intervenções da autora do perfil: uma publicação destacada de 19 de julho de 2021 que celebra o ato de concessão de honras a Aristides de Sousa Mendes, cônsul português em Bordéus, em 1940, que terá desafiado as ordens do Presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar, ao conceder milhares de vistos a refugiados que fugiam da Alemanha Nazi; uma segunda publicação de 12 de agosto de 2021 que elogia a notícia de o *Facebook* ter removido um grupo de apologistas da discriminação racial e do fascismo, relacionado com o partido português de extrema-direita “Chega”.

Regularmente, nos comentários de publicações de perfis de figuras públicas polémicas, ocorrem qualificações pejorativas. Os internautas ao realizarem

comentários (género textual destes ambientes digitais) visam, de um modo geral, desvalorizar e deslegitimar as opiniões contrárias às suas. Concomitantemente, nas interações discursivas, reforçam a ideia de configuração de grupos opostos, para os quais expressam um sentimento ora de pertença, ora de afastamento. Regularmente, o conflito coconstruído que se desdobra numa interação com múltiplos participantes não é dado como terminado, ficando em curso.

Deste modo, o presente estudo tem como enfoque uma análise predominantemente qualitativa, procedendo-se à análise dos comentários ofensivos. Não obstante este grande número de comentários mais agressivos, queremos realçar que a página de *Facebook* em análise se reserva o direito de remover comentários que promovam o discurso de ódio e que tenham difamações, calúnias, injúrias ou ataques pessoais. Por outro lado, a própria plataforma conta com métodos de censura dos ditos ataques. Assim, tivemos por base uma análise da dinâmica interacional desenvolvida pelos utilizadores da plataforma no conjunto de comentários públicos disponibilizado.

2. Os estudos linguísticos sobre a *indelicadeza*: problematização de um conceito

Os estudos sobre a *indelicadeza* estão relacionados com as investigações realizadas no âmbito da delicadeza. Na revisitação deste conceito, os trabalhos de Brown e Levinson (1987) e Leech (1983) sobre o trabalho de *figuração* (“face work”) têm sido frequentemente convocados e reexaminados. As estratégias e máximas da delicadeza apresentadas por estes autores baseiam-se no Princípio de Cooperação de Grice (1991), segundo o qual os falantes procuram manter a harmonia na comunicação, evitando, desta forma, os conflitos na interação. No entanto, ao contrário do que expressavam Brown e Levinson (1987), a (in)delicadeza não é nem universal, nem inerente aos atos de fala (não existem fórmulas linguísticas (in)delicadas). A variação contextual e cultural deve ser tida em conta, o que dificulta a constituição de quadros teóricos sobre o que é o fenómeno da (in)delicadeza.

A harmonia nem sempre representa o padrão das interações e não existe um discurso ideal que colocaria a *indelicadeza* na categoria de discurso excecional. Não há avaliações de (in)delicadeza livres de contexto, os valores da *face* e dos direitos e obrigações variam de cultura para cultura. Por conseguinte, tem havido reações ao estudo da *face* por parte de investigações em culturas não ocidentais, que propõem o conceito de “identidade de grupo” (Ele e Zhang 2011; Culpeper 2020).

O suporte teórico da noção de *face* de Goffman (1967) pode ajudar a entender como as identidades são forjadas e interpretadas, destacando-se a interdependência do *eu* e do meio social. Não se trata de pensar em si mesmo como inteligente, mas reivindicar ser inteligente e ser tratado como tal (Culpeper, 2020), verificando-se a imagem do *eu* delineado com base nos atributos sociais aprovados (Antão, 2019). Garcés-Conejos Blitvich (2009, 2013) sugere que *identidade* e *face* se coconstituem e alerta para a sua relação com a (in)delicadeza. Este fenómeno afeta a identidade social das pessoas, acarreta consequências emocionais: como ofende as pessoas, a indelicadeza é uma forma de violência verbal ou simbólica.

Spencer-Oatey (2008: 13-14) introduz o conceito de ‘sociality rights’, ao relacionar *face* com o valor pessoal/relacional/social e a noção de dignidade, reputação e competência das pessoas. Os direitos e obrigações de sociabilidade visam as expectativas sociais e refletem as preocupações dos indivíduos sobre justiça e adequação comportamental. Deste modo, as normas sociais têm um papel central na interação e justificam a reciprocidade do que é esperado acontecer (Culpeper, 2013).

As emoções são incluídas na análise, perspetivando-as como um processo cognitivo. Alguns estudos demonstraram que as pessoas têm tendência para associar as emoções à indelicadeza, mas não necessariamente à delicadeza (Blitvich, 2010: 69; Kienpointner 2008b: 41). Note-se que Culpeper (2013) apresentou um estudo dos descritores de emoções relacionados com a *face* e com os direitos de sociabilidade. Não obstante este trabalho, existe ainda pouca pesquisa empírica sobre as emoções associadas à indelicadeza.

Em alguns estudos sobre a indelicadeza verbal, aparece a referência à agressividade e violência verbais. Locker & Bousfield (2008) classificam a agressividade verbal como um ato intencional de ameaça da *face* (doravante, a sigla em Inglês FTA). Também Charaudeau (2019: 4) refere que a violência verbal vem de um ato da linguagem que se manifesta pelo emprego de certos vocábulos ou estruturas com o objetivo de ferir psicologicamente o interlocutor. Neste contexto ações como criticar, insultar ou ofender podem medir a intensidade da violência verbal.

Watts (2003) propõe um modelo não binário de delicadeza com uma estrutura que permita identificar comportamentos ao longo de um *continuum* de delicado/educado (*polite/politic*) a apropriado e de inapropriado a indelicado (*impolite*). Não obstante, Watts não aborda a diferença entre comportamento impróprio (*non-politic*) e indelicado (*impolite*). Graham (2007) defende que esta diferença assentaria, mais uma vez, na intenção do locutor. Se um ouvinte interpreta um enunciado marcado negativamente como intencional, é mais provável que esse enunciado seja interpretado como indelicado, em vez de apenas impróprio.

Contudo, a determinação da intenção nem sempre é isenta de dificuldades. Com efeito, a intencionalidade está presente nos estudos sobre a delicadeza desde Goffman (1967, p. 14) que distingue as intenções conscientes das inconscientes. Culpeper modifica esta noção ao argumentar que a indelicadeza pode não ser intencional, pois, por vezes, o locutor não está consciente dos efeitos ofensivos que produz e estar consciente é uma parte fundamental da noção de intencionalidade. Igualmente, o alocutário também precisa de reconhecer a intenção do locutor de ser indelicado. É bastante plausível que, dentro da mesma interação, ambos os participantes tenham diferentes interpretações da intenção de um determinado enunciado e, portanto, interpretem de forma diferente o que é indelicado ou grosseiro. E, por último, pode dar-se o caso de a indelicadeza não ser percebida como tal nem por parte do locutor nem por parte do ouvinte, mas tais atos poderem ser rotulados de indelicados contextualmente por parte de quem ouve, o público¹. Na sua tentativa de definir a indelicadeza, Culpeper (2010) começa por traçar uma linha entre o significado semântico e pragmático para determinar as formas de indelicadeza convencionalizadas (significado semântico) e as não convencionalizadas (significado pragmático e contextual).

Os últimos estudos de Culpeper (2013, p. 3) levam-no a atualizar a sua definição de indelicadeza, colocando e problematizando estas noções de *face*, *intencionalidade*, *normas* e *moralidade* para a determinação da definição do conceito de *indelicadeza*.

Com efeito, Culpeper (1996) apresenta uma das primeiras tentativas de sistematização da indelicadeza em interações humanas, tendo atualizado as suas definições em estudos posteriores (2005, 2011, 2020). O autor critica as teorias clássicas da delicadeza que apresentam a falta de delicadeza como um tipo de falha pragmática, um comportamento anómalo, referindo que a violência verbal tem um papel de destaque na comunicação, sendo frequentes os casos em que a linguagem é usada, não para cooperar, mas para causar danos.

A indelicadeza não é a atitude em si, mas certos tipos de comportamento em relação aos quais os membros de uma comunidade mantêm uma atitude negativa. As pessoas partem do conhecimento baseado em quadros sobre normas e avaliações de comportamento para julgarem situações de (in)delicadeza que podem nunca ter experimentado de uma forma direta.

Baseando-se no modelo de Brown e Levinson sobre as estratégias de delicadeza, Culpeper (1996) propõe uma tipologia de estratégias da indelicadeza. Estas são formas de alcançar os objetivos na interação e podem ajudar a ter um quadro

¹ Culpeper (2021) também se refere à *incitação* que é um ato de fala indireto e complexo, pois envolve pelo menos três participantes e uma intenção de ver que uma outra pessoa comete o ato de ataque da face de uma potencial vítima que pode não estar consciente da estratégia que está a ser elaborada em contexto.

analítico da indelicadeza. No entanto, o próprio autor adverte que são bastante abstratas e muito sensíveis ao contexto. Chamar nomes insultuosos a alguém nem sempre é violento; também pode ser uma demonstração de familiaridade ou de brincadeira, que pode levar a fortalecer os laços de solidariedade entre os participantes.

Nas estratégias da indelicadeza que se sistematizam a seguir, importa ressaltar que os termos ‘positivo’ e ‘negativo’ não se relacionam com a dicotomia entre o ‘bom’ e ‘mau’, mas sim com as noções de valores da face que se reivindicam e os desejos de não ser impedido nos seus objetivos.

De acordo com Culpeper (1996), as cinco estratégias de indelicadeza são as seguintes:

Indelicadeza bald-on-record: o FTA é realizado de uma forma direta, clara, sem ambiguidade e concisa, em circunstâncias em que a preocupação com a face não é relevante ou minimizada (por exemplo, insultar diretamente ou usar o imperativo para ordenar).

Indelicadeza positiva: o uso de estratégias que prejudicam os desejos de face positiva do destinatário (por exemplo, ignorar ou excluir alguém, usar formas de tratamento inapropriadas, fazer com que o alocutário se sinta incômodo, usar palavrões ou nomes caluniosos).

Indelicadeza negativa: o uso de estratégias que prejudicam os desejos de face negativa do destinatário (por exemplo, assustar, ser condescendente ou ridicularizar, enfatizar o poder sobre o alocutário, interromper a vez de elocução).

Indelicadeza off-record: o FTA é realizado mediante uma implicatura, de tal maneira que uma determinada intenção claramente domina qualquer outra (por exemplo, falar por indiretas, fazer perguntas retóricas, usar ironia ou metáforas).

Indelicadeza withhold (contida, reprimida): a ausência de delicadeza em situações em que ela é esperada (por exemplo, não agradecer um presente).

Culpeper refere ainda o sarcasmo ou escárnio (*sarcasm or mock politeness*) como uma metaestratégia de indelicadeza para se referir a um FTA no qual as estratégias de delicadeza são claramente falsas e, portanto, permanecem como realizações superficiais.

Tal como para o modelo de delicadeza de Brown e Levinson, o que fundamenta as estratégias de indelicadeza acima sistematizadas é o Princípio de Cooperação (PC) de Grice (1975), quer seja para o não defender, como na *indelicadeza bald-on-record*, quer seja para o respeitar implicitamente, como na *indelicadeza off-record*. O sarcasmo ou escárnio tem as suas raízes no Princípio da Ironia de Leech (1983) que também está baseado na teorização de Grice. De modo a evitar interpretações errôneas, convém recordar que o PC se aplica à cooperação na troca de informações e não à facilitação de objetivos sociais.

Para ser indelicado, é preciso trocar informações, isto é, defender o PC de modo a transmitir a sua mensagem indelicada.

As críticas ao modelo de Culpeper assentam no mesmo tipo de críticas feitas ao modelo de Brown e Levinson: por um lado, são modelos que se focam nas fórmulas linguísticas, sendo difícil calcular as implicaturas envolvidas em cada ato; por outro lado, falta a informação da (in)delicadeza paralinguística ou não-verbal, cuja ausência no *corpus* escrito em análise poderia estar compensada com a inclusão de ideogramas como os *emojis* que têm uma função de intensificação prosódica.

Por seu lado, Bousfield (2008) sugere duas revisões das superestratégias. Uma é combinar a indelicadeza positiva e negativa, uma vez que, muitas vezes, se encontram interligadas e a separação é difícil. A outra é a percepção de que a categoria *bald-on record* também envolve a face.

Para além das estratégias de indelicadeza, as investigações de Culpeper levaram-no a dar continuidade a esta sistematização de fórmulas da indelicadeza em língua inglesa, que podem ser consultadas em Culpeper (2013) e em Culpeper & Tantucci (2021)².

As pesquisas realizadas na área da indelicadeza apontam ainda para outro fator que Culpeper & Tantucci (2021) chamou de Princípio da Reciprocidade da (In)delicadeza (doravante, PRI). A reciprocidade está relacionada com a ordem moral, por isso, nas interações sociais, nas quais prima a delicadeza, ela é esperada e deve acontecer. Os estudos mostram que a indelicadeza não é unidirecional e que é normalmente retribuída. Pode ser classificada como uma forma de delicadeza positiva que procura reparar os estragos da perda de face ocasionados pela indelicadeza inicial. Como princípio interacional sociopragmático, o PRI pode ser definido como uma pressão na interação humana para corresponder à (in)delicadeza percebida ou antecipada dos outros participantes, mantendo-se assim um equilíbrio conversacional.

A indelicadeza tem a função geral de reforçar ou opor identidades específicas, relações interpessoais, normas sociais e/ou ideologias. Alguns estudos têm sido efetuados quanto às funções mais específicas que a indelicadeza pode desempenhar na interação. Culpeper (1996, 2005) descreve três tipos de funções específicas da indelicadeza: (i) a afetiva, (ii) a coercitiva e (iii) a de entretenimento. A primeira tem o objetivo de expressar emoções de um modo impulsivo, em contextos nos quais elas não são esperadas, por exemplo, o riso num funeral, ou a expressão da raiva com culpabilização do alvo por produzir esse estado

² Para uma sistematização de fórmulas da indelicadeza em Português, pode consultar-se o trabalho de Barreto Filho RR *et al.* (2019). Uma ressalva deve ser, de novo, feita para recordar que nenhuma fórmula específica é intrinsecamente indelicada e que o seu valor depende sempre do contexto de uso.

emocional negativo. A segunda é mais provável de ocorrer em situações onde há um desequilíbrio de poder na estrutural social, pois o participante mais poderoso, por exemplo, um pai ou um chefe, tem menos possibilidades de retribuição. A terceira inclui participantes que se entretêm com o ataque feito a uma vítima. Os participantes estão conscientes da indelicadeza realizada, enquanto a vítima pode ou não estar consciente de ser alvo de troca. É o caso dos *grafitis* ou fenômenos como *bullying*. Nestes casos, a indelicadeza pode ser criativa, o que vem desmontar o mito comum de que é um mero reflexo emocional articulado numa linguagem simplista.

3. A comunicação virtual das redes sociais e a indelicadeza

As línguas humanas naturais são diassistemas (Samaniego, 2003), isto é, contêm uma grande variedade de realizações possíveis. Estas dependem de variações diacrónicas (históricas), diatópicas (geográficas) ou diastráticas (sociais). O registo cibernético da língua poderia incluir-se nesta última variação e incluiria a comunicação mediante a interface de um dispositivo eletrónico.

As redes sociais oferecem às sociedades contemporâneas uma possibilidade de interconexão incalculável. Como redes discursivas híbridas, as práticas discursivas resultam de diversas contribuições dos interlocutores para a formação de uma cadeia mista e intertextual de enunciados.

O discurso imediato e conciso parece predominar no género discursivo de *comentários* da rede social do *Facebook*. As realizações discursivas tendem a ser coloquiais. Predomina a tendência para *escrever como se se falasse* (Briz, 2014), o que remete para situações de informalidade e um registo oralizante sobre um canal escrito. As interações revelam o registo de língua dos participantes, assim como outras características da conduta interacional, como a transgressão de certos princípios cooperativos e sociais.

Neste sentido, a interação *online* desafia as noções tradicionais do discurso e da interação. A comunicação realizada entre os variados interlocutores, sem presencialidade física, é mediada pela interface da máquina e vai tecendo uma sequência, composta por interações escritas da comunidade de internautas (Marcoccia, 2003). Estas contribuições podem ser revisitadas e editadas, isto é, modificadas, em diferido, pelo que também podem ser censuradas por um moderador, ou, no caso da presente análise, por quem fez as postagens, aqui em observação, isto é, a detentora do perfil da rede social *Facebook*.

O interesse na investigação das práticas de grupo em ambientes digitais tem vindo a aumentar. Atualmente, o foco dos estudos destaca o papel da variabilidade linguística na formação da interação e das identidades sociais na Internet: ao

invés de uma suposta homogeneidade em ambientes *online*, observa-se uma diversidade social, pelo que as mesmas variáveis, geralmente estudadas como condicionantes da interação, como o sexo, a idade, o estatuto, a relação entre os participantes ou o objetivo comunicacional também afetam a linguagem *online*. Esta mudança coloca a variedade das *práticas de grupo* no centro das atenções (Locher, 2010).

Desafiando a homogeneidade, a linguagem usada em contextos virtuais ajusta-se a uma série de fatores tecnológicos e a variáveis contextuais. Por um lado, a persistência das transcrições durante muito tempo no sistema permite editar as comunicações feitas na interface, assim como responder às intervenções realizadas. Deste modo, a comunicação entre os internautas poderá ser assíncrona, com a possibilidade de modificações recorrentes da reflexão sobre cada intervenção. Por outro lado, as interações carecem de pistas extralinguísticas. No *corpus* em análise, foram detetadas diferentes formas de compensar esta ausência, a saber, o uso repetido de sinais de pontuação, como os pontos de exclamação ou interrogação, as reticências, o uso de letras maiúsculas ou de certos sinais, como o asterisco, para veicular significado. A utilização de *emojis* (Gauducheau & Marcoccia 2007; Seargeant, 2019) é igualmente recorrente para indicar expressividade emocional (positiva ou negativa).

Para além da interação assíncrona, a interação *online*, em estudo, é caracterizada por uma natureza *polilocal* (Marcoccia, 2004, p. 116), ou seja, a participação, sendo aberta ao público, conta com múltiplos interlocutores que se podem ir juntando ao longo do tempo. O formato oferece, igualmente, a possibilidade de anonimato dos utilizadores da interface que correm poucos riscos de serem identificados ou responsabilizados pelas suas ações. Por conseguinte, e de acordo com Hardaker (2010) e Blitvich (2014), este anonimato pode favorecer uma atuação baseada em impulsos normalmente inibidos, um efeito que se conhece como *desindividualização*. *Em grupo, a tendência para perder parte do autoconhecimento e da autocontenção pode fazer com que as pessoas enveredem por ações que não fariam estando sozinhas.*

Na rede social virtual do Facebook, os utilizadores apresentam uma tendência para se identificarem abstratamente com um grupo, relacionando-se com os outros, não numa base interpessoal, mas intergrupar. As estratégias discursivas produzidas nas sequências dialógicas tendem a formar discursivamente uma imagem de descrédito do Outro, assim como a reforçar a ideia de configuração de grupos sociais opostos, estando a argumentação baseada em dicotomias presentes em conflitos morais. *Deste modo, o anonimato e a desindividualização podem conduzir à polarização da dinâmica de grupo e o agravamento do conflito online.* Blitvich (2014) alega que, embora os participantes sejam expostos a diferentes

argumentos, a distância entre grupos sociais com diferentes visões de mundo aumenta e as opiniões polarizam-se.

Na presente análise, foi observado que os seguintes conjuntos se foram formando nas sequências analisadas: “os fascistas e os comunistas”; “os (luso)-africanos e os portugueses”. Os conflitos morais entre o bem e o mal e a dicotomia entre “os de cá” e “os de lá” aparecem como base de diferentes argumentos apresentados pelos internautas. A argumentação é desencadeada pela oposição que se estabelece como emergente na interação sequencial e alerta para a noção de conflito como um processo de interpretação contextual. Apesar de os ataques realizados terem uma destinatária específica, não são sempre pessoais em sentido estrito: o ataque, realizado por a destinatária pertencer a um grupo social específico, transforma as testemunhas desse ato em destinatários do ataque devido à noção de identidades sociais partilhadas.

O conflito na rede social virtual do *Facebook* não surge como resultado do uso da tecnologia, mas como uma contenda social presente na sociedade. A argumentação discursiva com base em diferentes posições ideológicas inclui frequentemente estratégias de indelicadeza, sendo, por isso, pertinente estudar o género discursivo do *comentário virtual* em redes sociais.

4. Descrição do *corpus* em análise, construção de identidades discursivas e perguntas de partida

O *corpus* em análise é constituído por *comentários* realizados na sequência de postagens da deputada independente luso-guineense Joacine Katar Moreira na rede social do *Facebook*. Foram recolhidas postagens do perfil de J. K. Moreira e respetivos comentários do dia 19 de abril³ e 12 de agosto de 2021⁴. Dadas as características da identidade da mulher com cargo político sobre a qual se tecem os comentários, (“mulher, negra e gaga”), constatou-se que esta construção identitária (Herring *et al.* 2002) desencadeou a realização de um discurso polémico por parte de alguns internautas. Este tipo de discurso apresenta a ocorrência de atos de fala ofensivos através dos quais se ataca a identidade da “imagem construída no discurso” (Amossy, 1999) de Joacine Katar Moreira, com recurso, maioritariamente, a preconceitos racistas ou machistas que favorecem a constituição de grupos opostos na sociedade.

Com efeito, regularmente, nos comentários de publicações de perfis de figuras públicas polémicas, ocorrem qualificações pejorativas. Os internautas

³ https://www.facebook.com/KatarMoreira/posts/3944323965696340?paipv=0&ceav=AfZkm4454vE-bk40e9WkdG_9stLcUEFKZiNSwLn2F77yKYCjuYo-fWICaqIt1QKB5jbw&c_rdr

⁴ <https://www.facebook.com/KatarMoreira/posts/4016693968459339>

visam, de um modo geral, com os seus comentários, desvalorizar e deslegitimar as opiniões contrárias às suas. Concomitantemente, nas interações discursivas, reforçam a ideia de configuração de grupos opostos, para os quais expressam um sentimento ora de pertença, ora de afastamento. O conflito coconstruído que se desdobra em múltiplas vozes no discurso (“polílogo”) não está dado como terminado, continuando em curso.

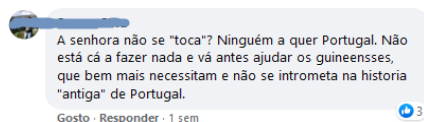
Foram colocadas as seguintes perguntas de partida: (i) Como se processa a qualificação negativa e a “retórica do denegrir” (Almeida, 2013) em comentários específicos de publicações de *Facebook*, tratando-se de uma interação agonial com uma dimensão enunciativa heterogénea de poli-destinação (a comunidade de utilizadores da rede social e uma terceira pessoa, a autora das publicações)? (ii) Que atos ilocutórios ocorrem nestas sequências de tom polémico? (iii) Como é lexicalizada a indelicadeza relativamente às características inerentes ao contexto virtual? (iv) De que forma as estratégias discursivas de desqualificação do Outro contribuem para a constituição de uma construção identitária? (v) Existe uma regularidade e uma sequencialidade prototípica dos atos ilocutórios que conduzam a uma interpretação dos atos do discurso como indelicados ou violentos?

No contexto específico das interações *online* em apreço, foi observado como o trabalho de figuração se insere numa fricção de vozes criadora de uma dimensão enunciativa heterogénea. Os participantes intervêm ou em resposta à postagem inicial, ou em resposta a comentários de outros participantes, ou ainda em resposta a ambos. Dirigem-se a vários interlocutores e referem-se a terceiros, alternando ao longo das intervenções entre as modalidades alocutiva e delocutiva. Depois das suas intervenções, que costumam ser únicas ou até três participações, os internautas retiram-se da interação. Esta retirada abrupta da comunicação é a forma de rescisão social mais perturbadora (BouFranch & Blitvich, 2014).

As estratégias discursivas usadas parecem ter como objetivo a inserção do/a locutor/a em grupos ideológicos ou étnicos que se posicionam como antagonistas a outros referidos no discurso.

Observemos o seguinte exemplo:

(1)



O exemplo apresentado é uma reação inicial à postagem da Joacine sobre Aristides Sousa Mendes. O locutor do sexo feminino constrói a representação de dois grupos, o dos portugueses e o dos guineenses com o objetivo de inserir

o alocutário deste discurso (a autora da postagem) no segundo grupo e de atacar diretamente a sua face, usando estratégias de indelicadeza *off record*, como a pergunta retórica “A senhora não se ‘toca’?” e realizando estratégias de indelicadeza negativa de forte ameaça do território do alocutário através da produção de atos ilocutórios assertivos com valor axiológico negativo nos quais afirma que “Ninguém a quer em Portugal” e que “não está cá a fazer nada”. Nos atos diretivos diretos de ordem como “vá antes ajudar os guineenses” e “não se intrometa”, não recorre a nenhum mitigador discursivo que pudesse suavizar o caráter agressivo do ato, usando uma estratégia de indelicadeza *bald-on-record*. Verificamos que as estratégias específicas de ameaça da face são reforçadas (marcadas) ao serem usados mecanismos retóricos do insulto como as perguntas retóricas (*indelicadeza off-record*) anteriormente referenciadas e as afirmações sarcásticas como “... que bem mais necessitam”.

Atentemos agora nas seguintes intervenções:

(2)

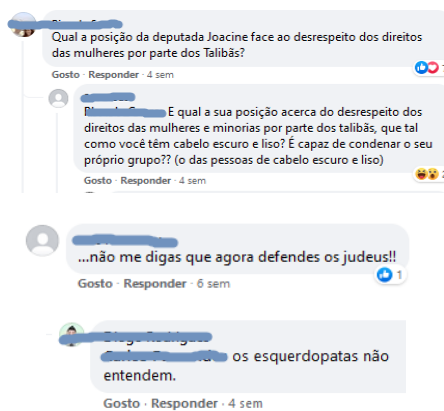


No seguimento das primeiras reações, o tratamento alocutivo dirigido à autora da postagem dá lugar a um outro diálogo entre dois internautas. A dinâmica de “discussão em praça pública” na qual umas vozes geram outras e incluem diferentes participantes é uma constante observada no *corpus* em análise. Continua-se com a estratégia de pertença ou afastamento de grupos específicos: agora, “os comunistas” e “os simpatizantes de Salazar”. A referência ao estadista aparece várias vezes, postulando uma posição ideológica que se opõe aos “comunistas”. O recurso à ironia (“ainda bem que...”, “uma maravilha de país”) exagera o dito e ridiculariza o grupo em ataque, numa estratégia de indelicadeza *off record*. Nos aspetos semânticos e pragmáticos das intervenções, reconhece-se a intenção comunicativa de insultar (*indelicadeza bald-on-record*) e desprestigiar a imagem da adversária e dos grupos que se lhe associam: guineenses e comunistas.

O contexto da interface na qual a comunicação se gera pode favorecer o facto de, ao longo das intervenções, apesar de os temas se irem diversificando, a qualquer momento se poderem retomar temas anteriores. Os comentários que são visíveis são os que obtêm mais interações ou apoios (por meio de *emojis*), ficando os outros elididos da visualização inicial.

Observemos estes outros exemplos que ocorrem numa intervenção mais tardia:

(3)



Verifica-se neste conjunto de intervenções apresentadas em (3) que se repete a estratégia de formação de grupos, agora incluindo novos elementos como os “Talibãs”. Verificamos o uso de uma pergunta retórica “é capaz de condenar o seu próprio grupo?” com a especificação do grupo ao qual este locutor se refere: “o das pessoas de cabelo escuro e liso”. Como forma de ridicularizar esta posição, um outro internauta faz uma ilusão irónica ao grupo dos judeus – “...não me digas que agora defendes os judeus!!”- e outro refere-se aos “esquerdopatas”. Estes dois atos assertivos servem de ataque indireto à identidade construída no discurso da primeira interveniente e alicerçam-se em estereótipos que conformam o *ethos* do auditório.

Constatamos também que os insultos nem sempre têm a realização de réplicas por parte dos seus alocutários que permitisse demonstrar a sua interpretação. É o conhecimento partilhado que proporciona a interpretação de mecanismos retóricos como a ironia ou os atos indiretos. Nos 207 comentários estudados, somente foi encontrada uma réplica por parte da detentora do perfil em análise, estando esta maioritariamente em silêncio. A ausência de interações favorece a defesa da sua face negativa, pois priva os participantes da garantia de a sua mensagem ter chegado ao destino. Não obstante, e devido à discussão ser pública,

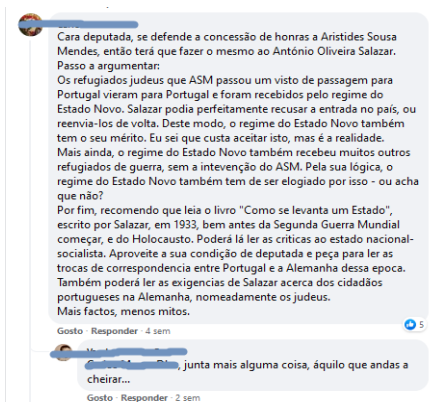
o discurso polémico continua sem a necessidade da intervenção da autora da postagem inicial.

Ao longo do desenvolvimento das interações, os destinatários dos atos de ataque à sua face ora optam pelo silêncio, ora por dar uma resposta de acordo ou desacordo (Angouri & Tseliga, 2010). Neste caso, fazem-no argumentando de maneira defensiva ou ofensiva com indelicadeza recíproca. Na maior parte dos casos observados, os participantes não chegam a um acordo, o que pode ser uma situação facilitada pela natureza da comunicação *online* que possibilita intervenções curtas e finais abruptas.

A gestão do discurso argumentativo estabelece-se com base na *doxa* do auditório e facilita a associação de valores morais a um *ethos* de caráter humanista que, valorizando a face do locutor, viabiliza a diabolização do *Outro*. Ao longo das interações, os ataques pessoais (por exemplo, “ignorante burra”, ou quando, ironicamente, se ataca a deputada de se drogar “áquilo que andas a cheirar”) alternam com sequências de justificação que funcionam como estratégias discursivas de intensificação da ameaça.

Atentemos nas seguintes intervenções:

(4)



Na interação apresentada em (4), o locutor realiza vários atos diretivos de apelo e de conselho. Por meio de uma oração condicional (“se defende a concessão de honras...”), aconselha o alocutário a fazer o mesmo ao estadista português (“terá de fazer o mesmo ao António Oliveira Salazar”). Os argumentos são expostos para depois, num ato diretivo de ordem, voltar a dirigir-se à deputada para lhe recomendar a leitura de um livro: “leia”, “proveite”. Num ato assertivo de quem é conhecedor dos factos, termina com o argumento final ameaçador da face positiva do alocutário ao referir que este apresenta um discurso sem

provas: “Mais factos, menos mitos”. Neste antagonismo, os argumentos giram em torno dos eixos semântico-pragmáticos da objetividade vs subjetividade.

O formato dos comentários analisados tende a seguir um tom coloquial, muito próximo da oralidade, com a deteção da irrupção de aberturas e de fechos com despedidas abruptas e a ocorrência de ‘perguntas-tag’ (“ou acha que não?”), aspetos característicos não só da rapidez e do carácter imediato deste discurso coloquial, mas também do comportamento marcado negativamente. Não obstante estes aspetos coloquiais e ameaçadores das faces do alocutário, por vezes, foram encontradas aberturas mais formais que pretendem atribuir à intervenção uma maior seriedade (“Cara deputada”) e que são imediatamente seguidos de estruturas próprias do discurso informal, que amplificam a avaliação axiológica negativa do alocutário.

No início das intervenções, o uso de formas de tratamento formais (nomes próprios, “o senhor”, “a senhora”, “cara deputada”) ou os atos de desculpa (“Desculpe a minha ignorância”) funcionam como pré-sequências de preparação dos atos que se realizam seguidamente. Terkourafi (2008) refere-se a estas realizações linguísticas em contextos específicos de uso como *frames* ou esquemas mentais. Estes criam expectativas no ouvinte e antecipam os atos posteriores (Culpeper, 2010). Contudo, nos exemplos analisados, a função destas sequências de abertura mais formais parece ser a de intensificar a violência verbal, pois as expectativas são quebradas, denotando-se o recurso à ironia. Este tipo de sequências será aqui chamado de *esquemas mentais falsos*, pois criam falsas expectativas na interação.

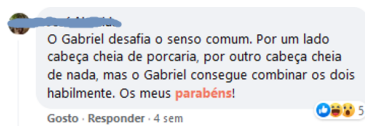
Não é a ação da postagem inicial que provoca o conflito, mas sim as reações. Como resposta à intervenção acima referida, um outro internauta, numa estratégia de indelicadeza *bald-on-record*, formula um insulto com a sugestão de o outro juntar “mais alguma coisa, áquilo que [anda] a cheirar”, para indiretamente insinuar a ingestão de drogas e, assim, atacar, simultaneamente, a face positiva (o valor social de ser bem-visto) e negativa (o território) do alocutário.

Ao serviço do ritual do insulto, foram estudados diversos atos expressivos, nos quais os locutores expressam as suas opiniões e emoções face ao estado de coisas, representado pelo conteúdo proposicional produzido em segmentos como “a mim causas *me repulsa”, “tenho nojo dr* racistas”, ou com o uso da ironia em “Boa notícia era tu desapareceres de cá”. Estes atos estão presentes ora sob a forma de *emojis* (😬, 🤢) com a expressão de uma emoção de apoio ou indignação, ora em atos discursivos nos quais pode aparecer ou não o verbo introdutório do ato, como é o caso do lamento (“Só lamento...”, “que tristeza”, “não sei se sinta pena de ti, ou se apenas nojo!”). O advérbio focalizador inclusivo “até” contribui para o aumento do lamento ao serviço do insulto: “até dá dó”. Proliferam os atos que desqualificam o alocutário, em estratégias de indelicadeza positiva e

negativa (“sua racista”, “metes nojo”, “não dás uma para a caixa”, “a Sra é uma ignorante burra”), com recurso a insultos e palavrões (“Que vão todos para a “culpa que os pariu”), expressões deícticas com valor genérico pejorativo e com lapsos de escrita frequentes na rede social (“áquilo”), interjeições (“ora bolas!”), e asserções modais no domínio do incerto (“deves ter imensas queixas mais vindas de parasitas que te chulam”, “o perfil deve ser falso”), nas quais se produz um distanciamento por parte do locutor.

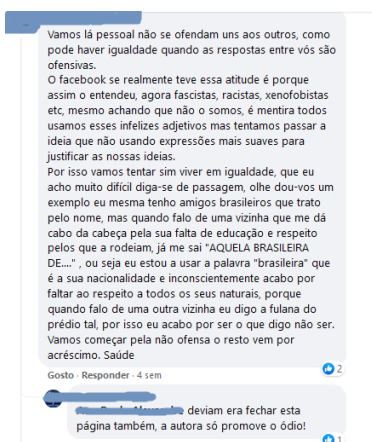
A criatividade verbal, no *corpus* analisado, parece estar ao serviço da descredibilização do Outro, numa atitude que parece apontar para algum grau de entretenimento à custa do conflito. Por um lado, as comparações com animais são frequentes no sentido de desvalorizar a face da deputada (“ladrou?”, “cortaram-te o pio”), constituindo uma violência verbal (Charaudeau, 2019, p. 4) que fere psicologicamente o interlocutor. Por outro lado, a ironia é recorrente nas interações. Este mecanismo retórico pretende romper com a banalidade de uma qualificação pejorativa (“É muito sinceramente não percebo o porquê dessa sua azia”) e adotar um procedimento de exagero (“tu vê lá vais gastar as reticências todas à malta”) no qual o locutor finge aderir a uma opinião (Almeida, 2013: 67), como se pode ver no seguinte exemplo:

(5)



Foram detetadas regularidades quanto à sequencialidade dos atos de indelicadeza, no sentido de a estes lhes sucederem outros atos de ataque. Em todo o *corpus* em análise, somente uma vez, uma internauta optou por adotar o papel de mediadora, em atos diretivos de apelo à concórdia (“vamos lá pessoal não se ofendam”), passando para a argumentação mediante atos justificativos (“é porque assim o entendeu”) e finalizando com a despedida “saúde” numa estratégia de delicadeza positiva.

(6)



Como foi referido, neste estudo, a existência de fórmulas convencionais de indelicadeza não garante que a interação seja avaliada como indelicada. Não obstante, foram observados fortes indícios de indelicadeza em estratégias micro (discurso) e macro (social). Em relação às primeiras, foi detetada uma estrutura na qual à provocação indelicada lhe sucede uma reação de indelicadeza, assim como a presença de determinados dispositivos linguísticos. Em relação às segundas, será necessário ter em conta os aspetos históricos e ideológicos associados à discussão. A estrutura de provocação-reação apresenta uma série de fórmulas da indelicadeza associadas a posições ideológicas antagónicas.

A análise aqui realizada, e tendo em conta os contextos micro e macro, permite classificar de indelicadas as seguintes fórmulas: (i) o uso das formas de tratamento “tu” e “você”, com menção explícita dos pronomes pessoais: “Racismo faz VOCÊ ao estar sempre a superiorizar os negros”; (ii) o advérbio focalizador “até” que contribui para o aumento do ato do insulto: “até dá dó”; (iii) referências negativas em insultos e críticas acentuadas: “São uns farsantes!”, “Você não sabe dizer nada de jeito, esteja calada”, “Esta mulher é completamente ignorante” (com a inclusão de *emojis* de riso), “Que ignorância”, “A sra é uma ignorante burra”, “Metes nojo”, “Sua racista”, “És um lixo”, “Que nojo”, “O maior da aldeia dos burros”, “Sabichão”, “Gado petista”, “Cão vagaroso mental”, “Não dás uma para a caixa”, “O atrasado”, “Meu burro”; (iv) a construção de duas identidades sociais: “está cá a fazer nada, vá antes ajudar os guineenses”, “não se intrometa”, “Na sua terra natal...”, “Usaste a minha nacionalidade e agora está a cuspir o prato que comeu”, “Más também não era comunista... Podes ter a certeza absoluta!!”.

Em suma, na *corpus* analisado foi verificada uma regularidade da indelicadeza em atos de fala assertivos, diretivos e expressivos e em sequências justificativas,

próprias de um texto argumentativo. A interface comunicacional usada (a rede social num dispositivo eletrónico) e a polifonia própria dos ambientes digitais não favorecem a existência de pré-atos de cumprimentos ou despedidas do ato comunicativo. As intervenções são curtas e diretas, próprias de um discurso espontâneo, próximo da oralidade, com frequentes estratégias de indelicadeza *bold-on-record*. A encenação do discurso recorre, regularmente, ao uso de mecanismos retóricos como a ironia ou as perguntas retóricas que contribuem para um discurso marcado negativamente com a função de atacar a face do outro (*indelicadeza off-record*). Do mesmo modo, sequencialmente, são abundantes os *esquemas mentais falsos*, porque o tom formal que, por vezes, parece iniciar algum comentário, passa imediatamente para uma linguagem informal com ataques verbais.

Conclusão

O presente estudo pretende ser um contributo para a explicação do fenómeno da indelicadeza em Português Europeu na rede social *Facebook*, demonstrando a necessidade de se estudar, cada vez mais, os comportamentos *online* em Língua Portuguesa marcados negativamente. Tivemos assim em consideração os estudos da Sociopragmática que, na análise da indelicadeza, não se focam apenas no grau de ameaça da face do destinatário e na interação face a face.

Observou-se que o desacordo é a norma das interações em apreço, verificando-se que a indelicadeza se atribui não a indivíduos, mas às identidades construídas socialmente no discurso. Neste contexto, foram detetadas regularidades discursivas no que diz respeito à sequencialidade dos atos de indelicadeza: a estes atos de indelicadeza sucedem-se outros atos de ataque, o que configura o cumprimento do PRI.

O presente estudo revelou, assim, que a indelicadeza não é somente um reflexo emocional articulado numa linguagem simplista, mas que serve como entretenimento no conflito e como configuração da identidade do Outro. Os utilizadores em ambientes virtuais da rede social, com a proteção do anonimato e da distância, exercem violência verbal com poucos riscos de serem identificados e responsabilizados pelas suas ações.

As identidades construídas verbalmente pelos participantes têm um papel fundamental na configuração da interação e na gestão da indelicadeza em contexto *online*, resultando daí a constituição de grupos sociais opostos e a argumentação baseada em dicotomias presentes em conflitos morais. Verificou-se, pois, que o conflito é social e que se baseia em lutas discursivas com diferentes posições ideológicas. O estudo do *uso da linguagem* na comunicação *online*

possibilitou a compreensão da organização e do funcionamento da indelicadeza com a consequente análise da configuração das dinâmicas sociais presentes nos contextos específicos da rede social *Facebook*.

Referências bibliográficas

- Almeida, C.A. (2013). Contributos para o estudo da configuração dos *rituais verbais* de *descortesia* em programas de rádio portugueses. In F. Silva, I. Falé e I. Pereira (Orgs.). *Textos Seleccionados. XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 59-77). Coimbra: APL.
- Amossy, R. (org.) (1999). *Images de soi dans le discours : La construction de l'ethos*. Paris : Delachaux et Niestlé.
- Angouri, J., & Tseliga, T. (2010). “You Have No Idea What You are Talking About!” From e-disagreement to e-impoliteness in two online *fora*, *Journal of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture*, 6(1), 57-82.
- Antão, M.A.C. (2019). *Contexto de aprendizagem da competência pragmática pelos falantes do português língua não materna em Valência, Espanha: contributos para uma análise das formas de tratamento e das estratégias de delicadeza em seqüências de atos ilocutórios*. Lisboa: Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/8855>
- Barreto Filho RR, Neves H & Monteiro de Barros KS (2019). Impolidez em textos on-line no facebook: Análise das escolhas lexicais numa perspectiva textual-interativa. *Calidoscópio*, 17(3), 433-452.
- BouFranch, P. & Blitvich, P.G.-C. (2014). Conflict management in massive polylogues: A case study from YouTube. *Journal of Pragmatics*, 73, 19-36.
- Bousfield, D. (2008). *Impoliteness in interaction*. Amsterdam: John Benjamins.
- Briz, A., Silva, L.A. da, Andrade, A.M. de, & Blanco, R.C.H.C. (2013). A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas. *Linha D'Água*, 26(2), 281-314. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v26i2p281-314>
- Briz, A. (2014). Hablar electrónicamente por escrito, *Chimera*, No. 1, 77-89.
- Brown, P. & Levinson, S.C. (1987). *Politeness – Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Charaudeau, P. (2019). Reflexões para a análise da violência verbal. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, 15(3), 443-476.
- Culpeper, J. (2010). Conventionalised impoliteness formulae. *Journal of Pragmatics*, 42(12), 3232-3245.
- Culpeper, J. (2011). *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Culpeper, J. (2013). *Impoliteness*. J.-O. Östman & J. Verschueren (eds.) *Handbook of Pragmatics* (pp. 1-18). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Culpeper, J. (1996). Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, 25, 349-367.
- Culpeper, J. & Kan, Q. (2020). Communicative styles, rapport and student engagement: An online peer mentoring scheme. *Applied Linguistics*, 41(5), 756-786.
- Culpeper, J. (2021). Impoliteness and hate speech: Compare and contrast, *Journal of Pragmatics*, 4-11.
- Culpeper, J. & Haugh, M. (2021). (Im)politeness and Sociopragmatics. In M. Haugh, Kádár, D. & M. Terkourafi (eds.). *The Cambridge handbook of sociopragmatics* (pp. 315-339). Cambridge: Cambridge University Press.
- Culpeper, J. & Tantucci, V. (2021). The principle of (im)politeness reciprocity. *Journal of Pragmatics*, 175, 146-164.
- Ducrot, O. (1972). *Dire et ne pas dire. Principes de Sémantique Linguistique*. Paris : Hermann.
- Dynel, M. (2012). Swearing methodologically. The impoliteness of expletives in anonymous commentaries on YouTube. *Journal of English Studies*, 10, 25-50.
- Fraser, B. (2005). Whither politeness. In R.T. Lakoff & S. Ide (eds.) *Broadening the Horizon of Linguistic Politeness* (pp. 65-85). Amsterdam: John Benjamins.
- Gauducheau, N. & Marcoccia, M. (2007). Analyser la mimo-gestualité: un apport méthodologique pour l'étude de la dimension socio-affective des échanges en ligne. *EPAL – Echanger Pour Apprendre em Ligne*. Grenoble: France.
- Goffman, E. (1967). *Interaction Ritual: Essays on face-to-face behaviour*. New York: Pantheon Books.
- Graham, S.L. (2007) Disagreeing to agree: Conflict, (im)politeness and identity in a computer-mediated community, *Journal of Pragmatics*, 39, 248-742.
- Grice, H.P. (1975). Logic and Conversation. In P. Grice *Studies in the Way of Words* (pp. 22-40). Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press.
- Hardaker, C. (2010). Trolling in asynchronous computer-mediated communication: From user discussions to academic definitions. *Journal of Politeness Research*, 6, 215-242.
- Haugh, M. & Culpeper, J. (2018). Integrative pragmatics and (im)politeness theory. In C. Ilie, & N.R. Norrick (Eds.). *Pragmatics and its Interfaces* (pp. 213-239). John Benjamins: Amsterdam.
- Haugh, M., Kádár, D. & M. Terkourafi (Eds.) (2021). *The Cambridge handbook of sociopragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Herring, S., Job-Sluder, K., Scheckler, R. & Barab, S. (2002). Searching for safety online: Managing “trolling” in a feminist forum. *The Information Society*, 18, 371–384.
- Locher, M.A. (2010). Introduction: Politeness and impoliteness in computer-mediated communication, *Journal of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture*, 6(1), 15.
- Marcoccia, M. (2003). La communication médiatisée par ordinateur: problèmes de genres et de typologie. *Journée d'études: les genres de l'oral*. Lyon : Université Lumière.
- Marcoccia, M. (2004). On-line polylogues: conversation structure and participation framework in internet newsgroups. *Journal of Pragmatics*, 36, 115-145.
- Samaniego, J.L. (2003). Lenguaje y cibernética. Es el lenguaje cibernético un riesgo en la sociedad globalizada? *Onomazein*, 8, 257-260.
- Seargeant, P. (2019). *The Emoji Revolution: How Technology is Shaping the Future of Communication*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Terkourafi, M. (2008). Towards a unified theory of politeness, impoliteness, and rudeness. In D. Bousfield & M. Locher (eds). *Impoliteness in language: studies on its interplay with power in theory and practice* (pp. 45-74). Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Watts, R.J. (2003). *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wodak, R., Culpeper, J. & Semino, E. (2021). Shameless normalisation of impoliteness: Berlusconi’s and Trump’s press conferences. *Discourse and Society*, 32(3), 369-393.